

O

QUEBRANTAMENTO

Do EGO

*ILUSTRADO PELO PROCESSO
DE PURIFICAÇÃO DO VINHO*

DELICIO MEIRELES

EDIÇÕES RUIÓS

ÍNDICE

Introdução	03
Primeira Prova: Circunstâncias Esquisitas	11
A Prova de Filipe: Do Sucesso Para a Obscuridade	13
A Prova de Jacó: Descer ao Egito	15
Um Testemunho Pessoal: Do Púlpito Para o Escritório	20
Segunda Prova: Julgado Pela Aparência	30
A Prova do Irmão W. Nee: Vivendo Com Outra Mulher	32
Terceira Prova: Falsa Acusação	35
A Prova de José: Acusado de Abuso Sexual	36
Quarta Prova: Vergonha Pública	44
A Prova de Henrique Suso: Acusado de Imoralidade	46
A Prova de Johannes Tauler: Fracasso Como Pregador	48
Quinta Prova: Sofrimento Longo e Silencioso	54
A Prova de Mme. Guyon: Aflições e Dez Anos na Prisão	55
A Prova de Jó: Perda de Tudo o Que Possuía	66
Nossa Reação nas Provas	71

Introdução

“Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade, e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha, nem foi para o cativo; por isso conservou o seu sabor e o seu aroma não se alterou” - Jr. 48.11

O profeta Jeremias compara Moabe com o vinho que não foi purificado do sabor das suas fezes ou borra. *“Moabe esteve despreocupado desde a sua mocidade”* – isto é, teve uma vida fácil e tranqüila, sem problemas e provas; *“E tem repousado nas fezes do seu vinho”* - o vinho permaneceu misturado com a borra e não foi separado dela; *“Não foi mudado de vasilha para vasilha”* - seu estado permaneceu o mesmo por longo tempo e não foi passado de uma vasilha para outra a fim de ser separado da borra; *“Nem foi para o cativo”* - viveu em liberdade sem as restrições simbolizadas pelas vasilhas; *“Por isso o seu sabor e o seu aroma não se alterou”* - o cheiro da borra continuou

apegado ao vinho e contaminou a sua qualidade.

Vamos utilizar este processo de purificação do vinho para ilustrar o método usado pelo Senhor para quebrar o nosso Ego. Mas alguém pode questionar dizendo: Não recebi a vida eterna quando cri no Senhor? Por que minha alma ainda precisa ser salva? Embora encontremos várias referências a esse assunto no Novo Testamento, quase sempre não damos a elas a interpretação correta. Creio, entretanto, que uns poucos textos podem nos ajudar a ver o plano, o método e o alvo do Senhor no tocante à nossa alma. Vamos examinar três versículos que nos ajudarão a ver estes pontos de forma clara:

O Plano: “E o mesmo Deus de paz vos santifique completamente: e o vosso espírito, e alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tess. 5.23). Aqui está claro que o propósito de Deus é

nos santificar completamente, o espírito, a alma e o corpo.

Salvação do espírito = Justificação
Salvação da alma = Santificação
Salvação do corpo = Redenção

O Método: “Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito” (Hb.4.12). Aqui nos é mostrado como Deus realiza esta obra: a Palavra viva e eficaz penetra como espada de dois gumes, até a divisão da alma e espírito. Os dois estão ligados, mas precisam ser separados e se isso não for feito, não saberemos distinguir o que vem do espírito e o que vem da alma. Duas coisas são necessárias para separar a alma do espírito: (1) A luz da Palavra de Deus para revelar as ações da alma; (2) A disciplina do Espírito para quebrar as ações independentes da alma.

O Alvo: “Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas” (1 Pd.1.9).

Nestas palavras de Pedro vemos o alvo final desse tratamento de Deus: a salvação da nossa alma. O “fim” da fé salva nossa alma; o “princípio” da fé salva o nosso espírito. No novo nascimento Deus nos dá “um espírito novo” (Jr.36.26); “O que é nascido do Espírito é espírito” (Jo. 3.6); “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm.8.16). A salvação da alma por outro lado, só será anunciada diante do Tribunal de Cristo, antes do início do Milênio.

Simão Pedro: o Ego ou a Cruz?

O apóstolo Pedro falhou ao passar pela prova de negar a si mesmo e seguir o Senhor. Em Mateus está registrado que ao ouvir o Senhor falar de morte, ele O repreendeu severamente dizendo: “Tem pena de Ti Senhor! Isso de modo nenhum Te acontecerá” (Mt. 16.22). Ao ouvir tais palavras Jesus bradou: “Para trás de mim, Satanás” (v.23). O que Simão Pedro pretendia? Ele estava mesmo com pena do Senhor? Sim, sem dúvida, mas com muito

mais pena de si mesmo. Sendo um discípulo do Mestre ele teria que passar pelo mesmo caminho que Jesus ia trilhar. Se Jesus pode morrer em Jerusalém, o mesmo poderá lhe acontecer. As palavras do Senhor em seguida deixam o quadro mais claro: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me; pois, quem quiser salvar a sua vida (alma) perdê-la-á; mas quem perder a sua vida (alma) por amor de mim, achá-la-á” (v.24,25). Jesus está ligando a atitude de Simão Pedro com a questão de salvar ou perder a alma. Pedro queria salvar sua alma do sofrimento, mas a perderia na era vindoura, o Milênio. Isso fica ainda mais confirmado quando Jesus acrescenta: “Porque o Filho do homem há de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos; e então retribuirá a cada um segundo as suas obras” (v.27). É evidente que a salvação da alma não está relacionada com a vida eterna, porque esta é dada gratuitamente. O Senhor falou de retribuir segundo as obras de cada um. Isso nos fala da recompensa, do galardão. A vida

eterna é de graça; o reino é por merecimento. Está escrito que Moisés “escolheu antes ser maltratado com o povo de Deus do que ter por algum tempo o gozo do pecado ... porque tinha em vista a recompensa” (Hb. 11.25,26).

Graças a Deus já temos um espírito regenerado, recebemos a vida de Deus e o próprio Espírito de Deus testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus. Isso se chama Justificação. O Espírito Santo começa então outra etapa da Sua obra em nós: a santificação, ou salvação da alma. A alma precisa ser separada do espírito (Hb.4.12). Para realizar isso nosso Senhor usa Sua Palavra viva e eficaz e a disciplina do Espírito Santo. No momento seguinte depois de crermos, o Espírito Santo inicia a obra de quebrantamento do nosso “homem exterior” (2 Co.4.16). Nosso espírito é o homem interior e nossa alma o homem exterior. As tribulações servem para quebrar nossa alma e se cooperarmos com o Espírito Santo, o resultado será: “o homem interior,

contudo, se renova de dia em dia”. Foi isso que João Batista declarou: “Convém que Ele cresça e eu diminua” (Jo.3.30). O “Eu” diminui quando nós o negamos e tomamos a nossa Cruz. O espaço criado pela Cruz ao cortar o nosso Eu é preenchido com a vida do Senhor Jesus e assim Ele é formado em nós (Gl.4.19). Isso é transformação! Isso é santificação! Isso é ser moldado na imagem do Filho Primogênito. Glória a Deus!

SIGNIFICADO DAS FIGURAS

O texto de Jeremias que mencionamos no início (48.11) nos mostrou algumas figuras: o vinho, a borra e o sabor, o cativeiro e as vasilhas. Vejamos primeiro o significado de cada uma delas, para em seguida verificarmos os vários tipos de provas simbolizadas pelas vasilhas.

* O Vinho: representa o cristão que precisa ser purificado da borra do seu Ego e livrado do seu sabor desagradável. Se não houver

a purificação, continuaremos a manifestar o Ego e não Cristo.

* A Borra: é aquela parte da uva também chamada de fezes e que precisa se sedimentar no fundo da vasilha para acontecer a purificação do vinho. Ela simboliza o Ego contaminado.

* O Cativoiro: aponta para as situações difíceis, e é ilustrado pelas vasilhas onde o vinho é derramado e que nos dá a idéia de prisão e limitação.

* As Vasilhas: simbolizam as situações criadas pelo Senhor para nos livrar do domínio do Ego. Cada prova é uma vasilha onde somos derramados e onde ficaremos até sermos livrados da borra do nosso Ego.

P *Primeira* *P* *Prova*

C *Circunstâncias*

E *Esquisitas*

Daqui em diante as palavras “vasilha” e “prova” terão o mesmo significado. É importante lembrar isso. Nos arranjos do Espírito Santo existe uma prova que podemos chamar de “circunstâncias esquisitas”. Talvez possamos ilustrá-la com aquele tipo de garrafa que é cheia de ângulos, dentes e sulcos. O vinho encontra grande dificuldade para se escoar por entre eles e leva muito mais tempo para chegar ao fundo e se aquietar. Não é como

nas garrafas lisas que permitem ao vinho escoar com facilidade.

Usando esta figura, o teste para o cristão é saber se ele está no lugar certo ou não. As circunstâncias e o ambiente são tão estranhos que tudo parece indicar ser outra a vontade de Deus. Ele quer obedecer ao Senhor, mas os obstáculos são tantos, como os ângulos, dentes e sulcos da vasilha, que ele começa a pensar: “Será que Deus coloca um filho Seu numa tal situação? Não estou perdendo meu tempo e minha energia aceitando esta situação?” As dúvidas são enormes e parecem indicar que algo está drasticamente errado. Todos os que estão por perto e conhecem os pormenores não hesitam em afirmar: “Esse não é o seu lugar! Tal prova não procede do Senhor! Ore e Ele te revelará que estamos certos”. Diante desse conflito o cristão tem dificuldade em se aquietar nos braços do Senhor e o resultado é que o vinho não será livrado da Borra da Desconfiança e do Medo.

A Prova de Filipe: Do Sucesso Para a Obscuridade

O oitavo capítulo do Livro de Atos descreve o trabalho de Filipe em Samaria da seguinte forma: “Pois saíam de muitos possessos os espíritos imundos, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados - Ihes pregava acerca do reino de Deus e do nome de Jesus, batizavam-se homens e mulheres - e creu até o próprio Simão - e admirava-se vendo os sinais e os grandes milagres que se faziam (At. 8.7,12,13). Repentinamente aparece um anjo do Senhor e dá a seguinte ordem a Filipe: “Levanta-te, e vai em direção do sul pelo caminho que desce de Jerusalém a Gaza, o qual está deserto” (8.26). Não é esta uma direção muito estranha? Filipe não realizava uma obra grandiosa no nome do Senhor? Por que ir para um lugar que está deserto? Esta é sem dúvida uma “circunstância esquisita” na qual o servo do Senhor foi colocado. Mas ele obedeceu a ordem do Senhor. Chegando lá “disse o Espírito a Filipe:

Chega-te e ajunta-te a esse carro” (v.29). Dentro do carro estava “um etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes - e tinha ido a Jerusalém para adorar” (8.27). O homem lia o profeta Isaías e não entendia de quem ele falava. Filipe, começando naquela Escritura, lhe anunciou a Jesus. O homem creu, foi batizado e levou o Evangelho para a África.

Semeando Para Pedro Colher

Depois disso Filipe “achou-se em Azoto e, indo passando, evangelizava todas as cidades, até que chegou a Cesaréia” (At. 8.40). Tais palavras podem não ter muito sentido para alguns, mas elas escondem jóias espirituais. Se formos para o capítulo dez do mesmo livro, encontraremos de novo a palavra Cesaréia: “Um homem em Cesaréia, por nome Cornélio, centurião da corte italiana, piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus” (At. 10.1,2). A seqüência nos mostra um anjo aparecendo a Cornélio e o

instruindo para que chamasse a Simão Pedro, o qual lhe diria palavras para que ele e sua casa fossem salvos (11.13,14). Aqui cabe uma pergunta: como Cornélio se tornou um homem com tais qualidades antes de ser salvo? A visita de Filipe àquela cidade, levado pelo Espírito do Senhor após ter anunciado Jesus ao eunuco é a resposta. Com certeza foi esse humilde servo do Senhor quem preparou o caminho para a conversão de Cornélio e sua casa. Ele plantou e Simão Pedro colheu. Filipe foi colocado numa “circunstância esquisita”, mas obedeceu. Ele se aquietou na prova e foi livrado da Borra da Desconfiança e do Medo.

A Prova de Jacó: Descer ao Egito

Vinte longos anos haviam se passado desde que Jacó deixou o seu lar para ir morar com o tio Labão. Ele havia enganado seu pai Isaque e tomado a bênção de seu irmão Esaú. Foi ameaçado de morte pelo irmão e precisou fugir para

longe. Em Padã-Arã ele trabalhou para seu tio Labão durante vinte anos e foi severamente provado pelo Senhor. Ele teve que provar do mesmo remédio que havia dado aos outros. Seu caráter enganoso foi tratado de forma drástica pelo tio Labão, cujo caráter era pior do que o dele, “Deus, porém, não lhe permitiu que me fizesse mal” (Gn.31.7). Esse foi o testemunho de Jacó a Raquel e Leia, filhas de Labão.

Passados os vinte anos, o Senhor disse a Jacó num sonho: “Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te, pois, sai-te desta terra e volta para a terra da tua parentela” (Gn. 31.13). Em obediência, Jacó reúne sua família, bens e servos e parte em direção a Canaã. Mas, ao chegar a Siquém, Jacó decide se estabelecer ali e não seguir até Betel, onde deveria levantar um altar ao Senhor. Naquela cidade sua filha Diná é humilhada por Siquém, filho de Hamor o heveu. Simeão e Levi, filhos de Jacó, matam todos os varões daquele lugar e Jacó tem que deixar aquela cidade.

Nesse momento a Palavra do Senhor vem novamente a ele: “Depois disse Deus a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel e habita ali; e faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da face de Esaú, teu irmão” (Gn.35.1).

Jacó obedeceu e foi para Betel, mas no caminho Raquel, sua amada esposa, morre ao dar a luz Benjamim. Depois veio a triste notícia da morte de José, que abriu uma enorme ferida em seu coração. Seus filhos o enganaram dizendo que uma fera o havia matado. Os anos correm e Deus envia fome sobre a terra. Jacó envia seus filhos ao Egito em busca de alimento e ali eles encontram José, mas não o reconhecem. Não suportando mais a pressão em seu coração e vendo o arrependimento em seus irmãos, José se dá a conhecer a eles: “Eu sou José; vive ainda meu pai?” (Gn.45.3). Eles retornam a Canaã com a maravilhosa notícia: “José ainda vive e é governador de toda a terra do Egito. E o seu coração desmaiou, porque não os acreditava” (Gn.45.26). Foi

nesse exato momento que Jacó recebeu a estranha ordem do Senhor: “Não temas descer para o Egito; porque eu te farei ali uma grande nação. Eu descerei contigo para o Egito” (46.3,4).

Por que o Senhor precisa dizer a Jacó para não temer descer ao Egito? Primeiro porque ele havia aprendido a ser guiado pelo Espírito de Deus e temia errar como das outras vezes. O outro motivo para seu temor era a experiência do seu avô Abraão e do seu pai Isaque. Abraão desceu ao Egito e mentiu com respeito à esposa e de lá trouxe Agar que veio a ser uma pedra de tropeço em sua vida. Abraão também havia descido ao Egito por causa da fome em Canaã (Gn.12.10). Isaque recebeu ordem expressa do Senhor dizendo: “Não desças ao Egito; habita na terra que eu te disser” (Gn.26.2). Jacó guardava estas coisas em seu coração e temia errar como seu avô Abraão.

Jacó estava sendo derramado na Vasilha da Circunstância Esquisita, mas

agora era diferente, porque a descida ao Egito fazia parte do propósito do Senhor para ele e os seus descendentes. No Egito eles se tornariam uma grande nação (46.3). O servo do Senhor reuniu tudo o que possuía e partiu em direção a terra do Egito. Lá ele encontrou seu amado filho José e desfrutou da sua companhia durante dezessete anos (47.9,28). Chega o tempo da sua partida e ele ordena a seus filhos que levem seu corpo para Canaã (47.29,30). Antes de partir Jacó reúne seus filhos e profetiza: “Ajuntai-vos para que eu vos anuncie o que vos há de acontecer nos dias vindouros” (Gn.49.1). Acabando de dar estas instruções a seus filhos “encolheu os pés na cama, expirou e foi congregado ao seu povo” (49.33). Como o Senhor foi fiel em Seus tratos com Jacó. Quantas provas e quanto sofrimento! Até o fim de sua vida ele manquejou e precisou se apoiar no bordão para andar. O livro de Hebreus registra algo que não encontramos em Gênesis: “Pela fé Jacó, quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José, e adorou inclinado sobre a

extremidade do seu bordão” (11.21). O bordão, ou cajado, era o símbolo dos tratos de Deus com Jacó e quando ele adora a Deus apoiado nele, era como se dissesse: “Sem a disciplina do Senhor em minha vida, simbolizada por este bordão, eu não poderia nem mesmo adorá-Lo”. Devemos dar graças ao Senhor por Sua fidelidade em tratar com nosso Ego. Foi assim que o Senhor livrou Seu servo Jacó da Borra da Desconfiança e do Medo.

Um Testemunho Pessoal: Do Púlpito Para o Escritório

Com apenas seis anos de conversão fui examinado por uma junta de pastores de Belo Horizonte e indicado ao ministério como pastor Batista. Depois de quatro anos de serviço na Igreja Batista de Manhumirim (MG), retornei para Belo Horizonte com a esposa e filho. Não encontrei lugar para servir como pastor numa das igrejas da cidade e me vi forçado a procurar emprego. Meu pai me ajudou pagando um curso intensivo de

inglês com um mês de duração. Terminando o curso, fiz um teste como tradutor no Fundo Cristão Para Crianças. O teste foi um fracasso total. O gerente na ocasião era o amado irmão Ênio que me ofereceu trabalho como datilógrafo. Como precisava sustentar a esposa e um filho, aceitei prontamente.

Certo dia, D. Clair, responsável pelo departamento de tradução, me deu uma pequena carta em inglês para traduzir. Fiz imediatamente e ela gostou da tradução e durante algumas semanas ela me permitiu traduzir outras cartas para exercitar. Em poucos meses fui transferido para o departamento de tradução com um salário bem melhor. Meus conhecimentos de Inglês eram limitados e tive que buscar socorro nos colegas que sabiam mais. Duas queridas irmãs em Cristo muito me auxiliaram: Talita e Cleide (a irmã Talita é hoje tradutora da Editora Betânia). Foram sete anos de trabalho árduo e cansativo. Eu entrava no banheiro para chorar e dizia: “Senhor, o que estou fazendo aqui? Este

não é o meu lugar. Fui chamado para pregar a Tua Palavra”. Sete anos dentro de um escritório, dedilhando o teclado de uma máquina elétrica barulhenta.

O dia para a interpretação daquela prova se aproximava. Um grupo de irmãos da ABU (Aliança Bíblica Universitária) ia realizar uma conferência de estudos bíblicos e os preletores seriam: o Dr. Christian Chen, Físico Nuclear da Universidade de São Paulo e o irmão Delcio Meireles (por incrível que pareça). Foi nessa ocasião que conheci o irmão Christian Chen. Ele passou uma noite em minha casa e no dia seguinte nos dirigimos ao local do encontro. Depois de muitos anos de silêncio o Senhor falou ao meu coração poderosamente através do irmão Christian. Permita-me contar um pouco dessa história, pois foi um marco em minha vida.

Eu acabara de chegar de um encontro na Argentina, onde tive o grato prazer de conhecer os irmãos Juan Carlos Ortiz, Jorge

Himitian, Orville Swindol e outros que não recordo o nome. Graças ao coração bondoso do irmão Jairo Gonçalves, pastor da Igreja Batista Central (BH) naquela ocasião, eu pude participar do encontro em Córdoba na Argentina. Éramos um grupo de uns quarenta pastores batistas. Na cidade de Porto Alegre adquiri o livro “A Liberação do Espírito” de Watchman Nee e durante a viagem chorei lendo aquelas abençoadas páginas. Era o princípio da resposta do Senhor para os anos de sequidão espiritual, porque o irmão Nee aborda a questão do quebrantamento do homem exterior, isto é, a alma. Comecei a entender um pouco o que o Senhor estava operando em minha vida.

Na volta paramos novamente em Porto Alegre e desta vez adquiri outra obra do irmão Nee: A Vida Normal da Igreja Cristã. Cheguei a Belo Horizonte com duas dinamites em minhas mãos: A Liberação do Espírito e A Vida Normal da Igreja Cristã. Eu nem havia acabado de ler essa importante obra do irmão Nee sobre a

igreja, quando recebi o convite da ABU para compartilhar junto com o irmão Christian Chen. Na noite em que o irmão se hospedou em minha casa, falamos sobre o assunto que iríamos compartilhar. Você pode imaginar que tema eu escolhi? “A Liberação do Espírito”? Não! Decidi falar sobre “A Vida Normal da Igreja Cristã”. Depois do jantar meu amado irmão me disse: “Louvado seja o Senhor, irmão Delcio! O Senhor está mesmo nos guiando, pois o meu assunto será: A Vida Cristã Normal”. Fiquei muito contente ao ouvir estas palavras do querido irmão e acreditei mesmo que o Senhor estava guiando a ele e a mim na escolha dos assuntos. Eu nem imaginava o que o Senhor havia preparado para me falar naqueles dias.

O local do encontro era na cidade de Venda Nova num convento católico. O Senhor, em Sua sabedoria e misericórdia, programou para que eu falasse na primeira reunião da manhã e depois à tarde. O irmão Christian ajudado pelo intérprete, dizia amém a cada frase dita

por mim. Naquelas duas reuniões eu exibí minhas penas, à semelhança do pavão, e falei sobre a vida normal da igreja. Ó profundidade da tolice! Eu não tinha o menor conhecimento espiritual daquilo que compartilhava com meus irmãos.

A hora da reunião da noite chegou e a palavra foi entregue ao irmão Christian. Seu encargo era comparar Abraão com o ouro, Isaque com a prata e Jacó com as pedras preciosas. Suas palavras me atingiram com tal força que não consegui dormir à noite inteira. Na hora do café da manhã fui até ele e lhe disse: “Irmão, não posso mais falar nesse encontro. Por favor, use o meu tempo para falar aos irmãos. Eu não tenho nada para falar aqui. A Palavra do Senhor está com o irmão e não comigo”. Após alguns comentários ele aceitou, entendendo que o Senhor havia me dirigido a agir daquela forma.

Depois de resolvida essa questão, o irmão Christian me perguntou: “Que tipo de trabalho você faz?” Eu respondi: “Sou

pastor Batista, mas trabalho como tradutor de Inglês numa empresa americana”. Se me lembro bem ele disse: “Louvado seja o Senhor”! Depois me confidenciou dizendo: “Irmão Delcio, estou no Brasil há uns dez anos e tenho um encargo do Senhor para publicar uma revista que seja de ajuda espiritual aos filhos de Deus neste país. Conheço muito pouco do Português e preciso de alguém que me ajude como intérprete junto a outros irmãos e como tradutor dos artigos para a revista. Você tem disposição para me ajudar nessa tarefa?” Eu respondi que sim e que para mim era uma honra poder ajudá-lo.

Aceitei com alegria e começamos a trabalhar na preparação da revista. Ela foi publicada com o seguinte título: “Obra Cristã - À Maturidade”. Recordo com alegria e profunda saudade dos fins de semana que passávamos juntos em sua casa em São Paulo. De segunda a sexta eu trabalhava como tradutor no Fundo Cristão Para Crianças e na sexta feira à noite viajava para São Paulo, onde passava o

sábado e o domingo com meu amado irmão preparando cada parte da revista. Depois vieram as conferências anuais e regionais onde pude servir ao irmão como seu intérprete. Nunca poderei esquecer da luz espiritual que o Senhor me concedeu através do irmão Christian. Na verdade, após ouvir sua mensagem sobre Abraão, Isaque e Jacó, eu passei dois anos de boca fechada. A luz do Senhor me revelou que eu O servia com minha carne consagrada. A Espada de Dois Gumes havia iniciado o processo de separação da alma e do espírito. Foi uma experiência terrível!

Um dia o irmão Christian apareceu com uma tradução do livro “O Homem Espiritual” escrito pelo irmão Nee. Depois de ler o manuscrito entendemos que alguns aspectos da verdade precisavam ser corrigidos. Ele me perguntou se eu poderia fazer as correções e eu disse que não, porque o Português do tradutor era excelente e o meu muito simples e acrescentei: “Irmão Christian, entre fazer a correção e uma nova tradução, eu prefiro a

tradução”. Algum tempo depois comecei a notar que havia um peso em meu espírito no sentido de colocar aquela obra tão importante à disposição dos irmãos e irmãs no Brasil. Foi então que a interpretação do Senhor raiou em meu espírito: a viagem à Argentina, a leitura dos dois livros do irmão Nee, o convite dos irmãos da ABU para falar junto com o irmão Christian e a prisão dentro daquele escritório durante sete anos, tudo tinha sido programado pelo próprio Senhor. Durante aquele tempo eu aprendi o Inglês para depois poder traduzir o livro “O Homem Espiritual”. Na verdade, o que eu via como desperdício era realmente um treinamento da parte do Senhor e no final fui livrado da Borra da Desconfiança e do Medo. Glória a Deus!

O Silêncio do Senhor

Durante esse tempo o que torna a prova mais difícil é o fato do Senhor permanecer silencioso. Este lugar é muito esquisito e ali não temos condições de

realizar para o Senhor aquilo que sempre esteve em nosso coração. Os que estão ao nosso redor não conseguem entender tal mudança, visto que nossa vida parece estar totalmente amarrada para servir o Senhor. Eles não sabem que fomos derramados na Vasilha das Circunstâncias Esquisitas.

Enquanto lutarmos contra a vontade do Senhor, seremos como o vinho agitado dentro da vasilha. Não temos que dar nem pedir explicações quanto aos tratos do Senhor e sim repousar calmamente dentro da situação criada pelo Espírito Santo. Quando o vinho repousa, a lição é aprendida e a mão do gentil fabricante toma o vinho e o derrama em outra vasilha. No final da prova o crente aprende a confiar no Senhor nas circunstâncias esquisitas. O medo da alma é substituído pela coragem do Senhor e a desconfiança pelo descanso no Senhor e a Borra da Desconfiança e do Medo ficam para trás.

Segunda Prova

Julgado Pela

Aparência

Esta prova pode ser ilustrada pela vasilha de cor amarela, azul ou verde. O vinho tem cor avermelhada, mas quando derramado numa vasilha de outra cor, ele aparenta ter mudado de cor. Esta prova não tem nada a ver com o formato da vasilha e sim com a sua cor. Uma vez derramado nela a cor do vinho muda. Ele é vermelho, mas passa a

ser visto pelos de fora conforme a cor da vasilha: amarela, azul ou verde. Sua natureza não mudou; não houve qualquer mudança no vinho, mas para todos os que estão de fora, o vinho mudou e muito. Ele não tem mais a sua cor característica que é o vermelho.

Essa vasilha representa as situações onde somos mal interpretados e, à semelhança do vinho, somos julgados pela cor das circunstâncias. A situação onde nos achamos indica que nós mudamos, mas isso não é real. Debaxo de tal situação nossa tendência natural é apresentar argumentos intermináveis visando provar que a mudança está na vasilha e não no Vinho. Mas tudo é em vão; os arranjos do Senhor são perfeitos para quebrar o nosso Ego. Quanto mais explicamos, mais nos confundimos. Enquanto o Vinho não repousar sem qualquer movimento, a borra não se sedimentará no fundo da vasilha. Enquanto houver esforço para provar que o problema está na cor da vasilha, não

haverá qualquer alívio na situação. Todo atraso é prejudicial, porque é preciso tempo para separar a borra do vinho. Só existe um caminho: o Vinho deve se aquietar, repousar e esperar no Senhor.

A Prova do Irmão Watchman Nee: Vivendo Com Outra Mulher

O servo de Deus, Watchman Nee, passou por uma experiência que ilustra muito bem o que estamos falando. Numa certa ocasião surgiu um boato entre os irmãos que ele estava vivendo com outra mulher. Sua vida era muito correta e suas mensagens muito unguidas; por isso os irmãos na liderança não levaram em consideração a acusação. Um dia, todavia, um irmão decidiu esclarecer aquela situação. Depois de ouvir o irmão Nee pregar com muita graça, aquele irmão lhe perguntou: “Irmão Nee, você está vivendo com outra mulher?” Ele respondeu: “Sim”. O irmão Nee tinha conhecimento do boato e sabia o que significava a pergunta, mas ele apenas respondeu afirmativamente,

sem dar nenhuma explicação. Certo dia aquele irmão se dirigiu à casa do irmão Nee e pediu que ele trouxesse à sala a mulher com a qual ele estava vivendo. O irmão Nee saiu e voltou trazendo uma senhora bem idosa. O irmão disse assustado: “É esta a mulher? Mas é sua mãe!” O irmão Nee respondeu: “É verdade. Ela é minha mãe. Você só me perguntou se eu estava vivendo com uma mulher, mas não me perguntou quem era ela. Agora você sabe que é minha mãe”.

Amado leitor, este é um ótimo exemplo da prova do julgamento pela aparência. Tudo indicava que nosso irmão estava errado, mas observe que ele não se defendeu. Ele podia ter esclarecido imediatamente dizendo que a mulher com a qual vivia era sua própria mãe, mas ele não fugiu da cruz. Ele negou a si mesmo, negou sua alma, seu Ego, tomou a cruz e seguiu seu Senhor para o matadouro. Nessa prova o irmão Nee foi livrado da Borra do Amor Próprio.

Como precisamos ter cuidado com as aparências. O Senhor Jesus nos advertiu: “Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça” (Jo.7.24). Se um dia nos encontrarmos nessa prova do julgamento pela aparência, confiemos nossas almas ao fiel Criador e esperemos nEle, até que seja do Seu agrado esclarecer todas as coisas. Se não temos culpa, descansemos no Justo Juiz. Ele conhece a verdade e isso nos basta. Não podemos esquecer que tudo isso é programado pela mão do Senhor, a fim de que “Ele cresça e eu diminua” (Jo. 3.30). Se nos aquietarmos nos braços amorosos do nosso Pai celestial seremos livrados do desejo carnal de preservar nossa imagem. A Borra do Amor Próprio ficará para trás e o Senhor poderá nos derramar em outra vasilha.

Terceira Prova

Falsa Acusação

Essa é uma prova muito dolorosa e difícil de ser aceita. Frequentemente ela surge por causa de inveja, ciúme ou ódio. O Senhor Jesus deixou claro que Seus discípulos enfrentariam esse tipo de prova: “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e mentindo disserem todo mal contra vós por minha causa” (Mt.5.11). Ele mesmo passou por isso: “Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio buscavam falso testemunho contra Jesus, para poderem entregá-lo à morte; e não o achavam, apesar de se apresentarem muitas testemunhas falsas. Mas por fim compareceram duas, e disseram: Este disse: Posso destruir o

santuário de Deus e reedifica-lo em três dias” (Mt.26.59-61). Sabemos pela Palavra de Deus que Jesus nunca fez tal declaração; na verdade Ele Se referia ao santuário do Seu próprio corpo (Jo.2.19-21).

Essa prova é realmente um lugar terrível para o filho de Deus e por ser tão estranha ele grita, esperneia, debate, se defende e luta com todas as forças para provar sua inocência, mas nada adianta. Como na figura do vinho, ele encontra grande dificuldade em se aquietar para que aconteça a sedimentação da borra.

A Prova de José: Acusado de Abuso Sexual

A vida de José é um ótimo exemplo desse tipo de prova. Jacó, seu pai, teve dois filhos com Raquel, sua amada esposa. De Leia Jacó gerou Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom. Bila, serva de Raquel deu Dã e Naftali a Jacó; Zilpa, serva de Leia, deu Gade e Aser a Jacó. José era

amado de seu pai: “E Israel amava mais a José do que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica de várias cores. Vendo, pois, seus irmãos que seu pai o amava mais do que a todos eles, odiavam-no e não lhe podiam falar pacificamente” (Gn.37.3,4). Assim começa o relato bíblico sobre a vida do jovem José. Depois ele teve um sonho e contou a seus irmãos: “Estávamos nós atando molhos no campo, e eis que o meu molho, levantando-se, ficou em pé; e os vossos molhos o rodeavam, e se inclinavam ao meu molho” (37.7). Eles entenderam que o sonho indicava que José um dia os “dominaria” (v.8). Depois José teve outro sonho com o sol, a lua e onze estrelas que inclinavam perante ele (v.9). Agora até o pai e a mãe foram incluídos na figura do sol e da lua. Seus irmãos o odiavam e invejavam (vs.4, 11), mas seu pai guardava estas coisas no coração.

Vivendo dentro de um cenário como esse, o resultado não poderia ser bom. Seus meio irmãos decidiram: “Matemo-lo e

lancemo-lo numa das covas” (v.20). Mas Rúben o livrou das mãos de seus irmãos, pois resolveram vendê-lo como escravo aos Midianitas e estes o levaram para o Egito. Isso foi apenas o início da história de José, mas outras situações estavam por vir. Sua túnica de várias cores foi tingida com sangue de um animal e maldosamente enviada a Jacó, seu pai, que lamentou sua morte por muitos dias.

Podemos imaginar aquele jovem de apenas dezessete anos passando uma noite inteira dentro de uma cova escura, talvez sem alimento e sem entender o que seus irmãos pretendiam fazer com ele? Podemos vislumbrar o pobre José dentro de uma jaula feita de madeira e a tristeza em seu rosto quando a caravana dos Midianitas se afastava mais e mais do lugar onde estavam seus irmãos? Será que conseguimos penetrar um pouco na dor que invadiu o coração daquele pobre jovem?

José foi para o Egito e se tornou escravo de Potifar, oficial de Faraó, capitão da guarda (39.1). O Egito era a vasilha na qual o Senhor o havia colocado. Mas “o Senhor era com José” (39.2,3), e “o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José; e a bênção do Senhor estava sobre tudo o que tinham tanto na casa como no campo” (v.5). José aceitou mansamente a prova dada pelo Senhor e perseverou até o término da mesma.

José era jovem e “formoso de porte e de semblante” (39.6) e sua beleza física chamou a atenção da esposa de Potifar. Ela “colocou os olhos em José e lhe disse: Deita-te comigo” (v.7). Mas ele era um homem de caráter e respondeu: “Como, pois, posso eu cometer este grande mal, e pecar contra Deus?” (v.9). A mulher continuou insistindo com ele por vários dias, mas ele não lhe dava ouvidos (v.10). Um dia, porém, entrando na casa para fazer seus serviços, e não havendo ali mais ninguém, “a mulher, pegando-o pela capa, lhe disse: Deita-te comigo! Mas ele,

deixando a capa na mão dela, fugiu, escapando para fora” (v.11,12). Mas, a aparente prova ficou na mão da mulher que, maldosamente, a usou contra ele (v.13). O marido foi chamado e a mulher acusou José de algo que ele não havia cometido e assim ele foi derramado na Vasilha da Falsa Acusação.

“Então, o senhor de José o tomou, e o lançou no cárcere, no lugar em que os presos do rei estavam encarcerados; e ele ficou ali no cárcere” (39.21). Não é mesmo estranha essa vasilha na qual José foi derramado? Mas observemos o seu comportamento diante da prova: com tranquilidade ele se submeteu às circunstâncias criadas pelo Senhor. Não se queixou uma só vez! O segredo de José era: “O Senhor, porém, era com José, estendendo sobre ele a Sua benignidade e dando-lhe graça aos olhos do carcereiro; este entregou na mão de José todos os presos que estavam no cárcere; e era José quem ordenava tudo o que se fazia ali. E o carcereiro não tinha cuidado de coisa

alguma que estava na mão de José, porquanto o Senhor era com ele, fazendo prosperar tudo quanto ele empreendia” (39.21-23).

Estando ainda na prisão José conheceu o padeiro e o copeiro do rei e interpretou seus sonhos. O padeiro morreu e o copeiro foi restaurado à sua antiga posição diante do rei, conforme José havia interpretado. Depois de dois anos Faraó teve um sonho e então o copeiro se lembrou de José. A prova de José chegava ao fim e depois de interpretar o sonho de Faraó ele foi estabelecido como Governador do Egito.

Uma vez derramado na Vasilha da Falsa Acusação, José se entregou nas mãos do Senhor e descansou em Seus braços de amor. O salmista registrou que “o ferro entrou na alma de José”, uma figura muito apropriada para o quebrantamento do seu Ego. Foi dito também que “a Palavra do Senhor o provou, até que ela veio a se cumprir” (Sl.105.18,19). O Senhor havia revelado a Seu servo que seus irmãos um

dia se curvavam diante dele, mas José não viu nada disso acontecer. Ao invés de se curvarem diante dele, eles o venderam como escravo, disseram ao pai que ele havia morrido e no Egito ele foi parar na cadeia, acusado de abuso sexual. A Palavra do Senhor o provou, mas finalmente ela se cumpriu.

O que o Senhor queria produzir em José através dessa prova tão difícil? A manifestação do Seu grande amor. O quebrantamento da sua alma liberou o amor de Deus e ele perdoou todos os seus irmãos. José os recebeu, protegeu e alimentou durante todos os anos da fome. Só o quebrantamento do Ego pode realizar tal coisa em nós. “Não eu, mas Cristo vive em mim” (Gl.2.20).

A Borra da Defesa Própria

Quando o Senhor nos derrama nesta vasilha não devemos nos sentir culpados pelas circunstâncias. Foi Ele mesmo quem planejou tudo e ali nos colocou. Nossa

parte é escorrer para o fundo da vasilha e aguardar em silêncio e submissão. Quando descansamos e nos aquietamos nos braços do Senhor, a Borra da Defesa Própria é separada do vinho. Então poderemos ser derramados em nova vasilha e um outro aspecto do Ego será tratado pelo Espírito Santo.

Quarta Prova

Vergonha Pública

Esta prova pode ser ilustrada com aquele tipo de vasilha bem rasa e sem tampa. Desse modo os que estão de fora podem contemplar o que se passa no seu interior. O vinho fica exposto às críticas e julgamentos dos que estão do lado de fora. Essa é a Prova da Vergonha Pública e é outro método usado pelo Viticultor Celestial para nos libertar da Borra do Ego.

Esta prova tem pelo menos dois aspectos: (1) Pode ser que nós mesmos sejamos expostos publicamente e nossas fraquezas manifestadas a todos. (2) Pode

ser alguém chegado a nós: esposa, marido, filhos, namorado (a), pai, mãe, noivo (a). O marido ou a esposa são expostos publicamente, quando um deles comete adultério; se a esposa adultera, o marido passa pela vergonha pública e vice-versa. Se um filho se torna um delinqüente envolvido com roubo ou drogas, os pais são envergonhados. Se uma filha se entrega à prostituição, ou precisa se casar às pressas, ela expõe os pais à vergonha pública. Quando fatos vergonhosos são expostos publicamente por aqueles que nos são íntimos, nós também somos envolvidos. Se o nome de uma família é mal representado por um dos seus membros, toda a família sofre as conseqüências. Mas, louvado seja o Senhor! Tudo isso é a disciplina amorosa do Senhor para nos quebrar. Certamente que Ele não aprova os erros cometidos, mas em Sua soberania Ele os usa para nos quebrar. Não foi essa a experiência de Davi com seu filho Absalão? Samuel, homem irrepreensível, não provou a mesma coisa? Seus filhos “não andaram nos caminhos

dele, mas desviaram-se após o lucro e, recebendo subornos, perverteram a justiça” (1 Sm.8.1-3).

Se nos encontrarmos numa situação tal como essa, nosso papel é encontrar nosso lugar na prova e não ficar nos martirizando com o que os outros estão pensando e falando de nós. Se nossa reação for assim, aprenderemos a lição e seremos livrados da Borra da Auto Justificação.

A Prova de Henrique Suso: Acusado de Imoralidade

Existe um exemplo notável na história da igreja sobre esse tipo de prova. Aconteceu com um irmão de nome me Henrique Suso, que viveu na Alemanha. Ele era possuidor de uma vida profunda com Deus e era respeitado por todos em sua pequena cidade. Um dia aprouve ao Senhor derramá-lo na Vasilha da Vergonha Pública, visando libertá-lo da Borra da Auto Justificação. Surgiu uma jovem com uma criança nos braços e diante das

autoridades da cidade declarou que Suso era o pai da criança. Depois de colocar o bebê nos braços dele, ela desapareceu durante um longo tempo.

A partir daquele momento sua vida tornou-se um vale de lágrimas. O grande respeito que o povo lhe dedicava, virou desprezo e condenação. O tempo que se seguiu foi de grande sofrimento para Suso pelo fato dele não ter cometido aquele pecado. Um dia ele se dirigiu a uma floresta e pediu ao Senhor que o livrasse daquela vergonha pública, pois seu sofrimento era muito grande. Foi então que o Senhor lhe falou: “Volte e cuide dessa criança como se fosse sua. Negue-se a si mesmo, tome sua Cruz e siga-Me. Eu carreguei seus pecados na Cruz e morri como malfeitor em seu lugar. Faça como eu fiz por você”. Ele voltou para casa e cuidou da criança conforme lhe ordenara o Senhor.

Algum tempo depois a jovem retornou e tendo reunido as autoridades da cidade

disse na presença de todos: “Este homem, Henrique Suso, não é o pai dessa criança. Eu me perdi com outro homem e fui expulsa de casa. Como não tinha condições para criá-la, mas também não queria perdê-la, resolvi inventar essa história colocando a culpa no Sr. Suso. Por que fiz isso? Por que escolhi um homem da mais alta reputação espiritual e moral em nossa cidade? Porque nessa cidade ele era a única pessoa a quem eu entregaria a minha criança”. Ao ouvir tais palavras, nosso irmão adorou o Senhor e O louvou pela prova. Assim ele foi livrado da Borra da Auto Justificação.

A Prova de Johannes Tauler: Fracasso Como Pregador

John Tauler foi reconhecido como um dos maiores pregadores da sua época e foi no ano de 1331 que ele passou a maior crise da sua vida. Ele teve que ser totalmente rejeitado, para depois provar o que é ser totalmente aceito. Tauler precisou beber o cálice da humilhação e da

vergonha pública até as últimas conseqüências. Foi uma prova realmente severa, principalmente por se tratar de alguém que já havia alcançado um alto nível espiritual e porque era admirado e respeitado por todos.

Tudo começou quando ele anunciou que voltaria a pregar sobre o mais alto nível de perfeição que um filho de Deus pode alcançar nesta vida. A capela da famosa Catedral de Strasburgo ficou lotada muito tempo antes do início do culto, porque todos se deliciavam com suas pregações e os que o ouviam ficavam “pendurados em seus lábios”. Naquele dia o Dr. Tauler pregou sobre a necessidade de morrermos inteiramente para o mundo, para nossa vontade própria e de nos submetermos às mãos de Deus, que ele descreveu como “morrer com sabedoria”.

Enquanto discursava sobre o assunto alguém no auditório sabia que o pregador não conhecia o que pregava de forma ideal e que John Tauler estava longe de estar

morto. Esse homem era Nicolás de Basle, um iminente “Amigo de Deus”, um santo de Deus possuidor do discernimento mais profundo e do mais real conhecimento espiritual.

Ao ouvi-lo, Nicolás disse: “O mestre Tauler é muito amoroso, gentil, de bom coração, mas a despeito do seu grande conhecimento das Escrituras, ele ignora as coisas profundas de Deus”. Depois de ouvir Tauler por seis vezes, Nicolás teve uma entrevista com ele e lhe disse: “Mestre Tauler, você precisa morrer!” (Alguns acreditam que Nicolás falou isso do meio do auditório, quando Tauler ainda pregava). “Morrer?” Perguntou Tauler. “O que você quer dizer com isso?” Nicolás respondeu: “Fique a sós com Deus; deixe sua igreja lotada e sua congregação de admiradores. Vá para o seu quarto, fique sozinho e você saberá o que estou dizendo”. Inicialmente Tauler ficou ferido, mas depois reconheceu que o diagnóstico de Nicolás era correto.

Já por algum tempo Tauler estava chegando ao fim de si mesmo. O processo do quebrantamento era longo e doloroso, mas quando Deus trabalha para a eternidade Ele não leva em conta o tempo. Tauler obedeceu, mas seus amigos acharam que ele estava louco. Sozinho com Deus, ele travou a maior batalha de todas com a serpente de inúmeras cabeças: o seu próprio Ego.

Finalmente Tauler foi levantado da morte e Nicolás lhe disse que agora ele seria usado por Deus para mostrar o caminho da Vida Eterna. Foi anunciado que dentro de três dias Tauler voltaria a pregar. A multidão era maior do que todas as anteriores. Ele subiu ao púlpito e orou; e todos ficaram aguardando suas palavras. Ele não disse nada, mas começou a chorar. Depois de algum tempo alguém se levantou e disse: “Mestre Tauler, se não tens nada a nos dizer, despede-nos, pois já é tarde”. Ele orou novamente e o resultado foram mais lágrimas diante do povo. A

cidade inteira comentava o seu fracasso e debochavam dele.

Num novo encontro com Nicolás, este lhe disse: “Tenha bom ânimo, caro mestre Tauler; seu bom Amigo (Jesus) percebeu alguns sinais de orgulho em você e por isso precisou te envergonhar mais uma vez. Não despreze esta cruz”. Depois o instruiu a ficar mais cinco dias em silêncio com Deus. Depois disso Tauler pediu permissão para falar aos outros monges e o Senhor o abençoou poderosamente. Usando suas palavras ele descrevia o clamor do seu coração: “Querido Senhor e Noivo, voto a Ti e prometo que tudo o que Tu queres, eu quero. Seja a doença, a saúde, o prazer ou a dor, o doce ou o amargo, o frio ou o calor, o que fizeres eu também farei. Quero sair inteiramente da minha vontade e me dedicar totalmente a Ti; permita que Tua vontade seja feita em mim, Tua pobre e indigna criatura no tempo e na eternidade”.

Quando voltou a pregar ele provou o poder de Deus em suas mensagens. O impacto foi tão grande que as pessoas caíam ao chão e, temendo maiores conseqüências, precisou concluir suas palavras. Tauler trilhou o caminho da vergonha pública, mas depois veio o tempo de ser exaltado pelo Senhor. Quão verdadeiras são as palavras do Senhor Jesus: “Se o grão de trigo cair na terra e não morrer ele fica só; mas se morrer, dá muito fruto” (Jo.12.24). Foi assim que Deus livrou Seu servo da Borra da Auto Justificação.

Quinta Prova
Sufrimento Longo
e
Silencioso

Essa prova pode ser ilustrada por aquela vasilha feita de barro e sem qualquer transparência. A luz não penetra nela; ela é comprida e seu gargalo é muito apertado e como tal representa a Prova Longa e Silenciosa. Quando o filho de Deus atinge um determinado nível de vida espiritual, Deus o coloca em situações esquisitas, onde não há nem luz, sentimento ou revelação. Essa prova produz a sensação

de que todas as conquistas espirituais estão sendo perdidas: o poder, a graça, os dons e a comunhão com o Senhor parecem não estar mais presentes.

Dentro de uma prova como essa o crente tem dificuldades para repousar. As trevas o incomodam e o temor é muito grande; ele sente que aquele ambiente estranho não lhe pertence. O que torna o quadro ainda pior é que ele pode escutar as vozes, a música e a alegria do lado de fora, mas se sente totalmente separado delas. Na escuridão e no silêncio o crente começa a lembrar do tempo quando desfrutava da luz, da música e da alegria e anseia fortemente pelo retorno delas. Vamos ver dois exemplos desse tipo de prova: Jó e Madame Guyon.

**A Prova de Madame Guyon:
Aflições e Dez Anos na Prisão**

Madame Guyon foi uma mística francesa de renome e uma das maiores líderes cristãs de todos os tempos. O que

Savanarola representou para a Itália, Madame Guyon foi para a França. Ela era católica, mas se assemelhava muito aos modernos Quacres ou Amigos em seus ensinamentos. Seu nascimento se deu no dia 13 de abril de 1648 em Montargis, a oitenta quilômetros ao norte de Paris.

Por causa da sua fé em Cristo e dos seus ensinamentos que contrariavam os erros da Igreja Católica, ela foi aprisionada durante dez anos. Sua prisão na famosa Bastilha em Paris era uma masmorra que ficava há uns dez metros abaixo do nível da rua. Mas ali, naquele cômodo horrível, ela escreveu: “Aprendi a amar o escuro da tristeza, porque ali vejo o brilho de Sua face”. Um dos seus mais famosos poemas é sobre o passarinho aprisionado na gaiola. A prisão era a sua gaiola, mas quem a havia colocado ali era o próprio Senhor. Por isso ela cantava o dia todo, e o Senhor se inclinava para ouvir o seu humilde canto. Madame Guyon sofreu muito, mas ela aprendeu a paciência e a perseverança dentro da vasilha da Prova Silenciosa,

Longa e Escura. A Borra da Impaciência e da Murmuração ficou para trás e ela se tornou mais semelhante ao Senhor Jesus.

Infância Sofrida

Durante sua primeira infância ela sofreu uma séria enfermidade e seus pais temeram por sua vida. Com dois anos e seis meses de idade foi colocada no Seminário das Ursulinas em sua própria cidade, para ser educada pelas freiras. Sua mãe foi negligente em sua educação e a deixou mais aos cuidados das empregadas.

Aos quatro anos de idade ela foi morar com a Duquesa de Montbason na Casa das Benedictinas. Nessa ocasião Jeanne entendeu sua necessidade do Salvador Jesus e entregou seu coração a Ele. Em sua sinceridade, ela votou dar sua própria vida como mártir por amor a Cristo. As freiras fingiram acreditar que Deus queria tirar a vida da pequenina Jeanne e armaram um triste cenário: uma outra

menina apareceu e colocou uma faca no pescoço dela, para cortar sua cabeça. Jeanne gritou que não estava preparada para morrer sem a permissão do pai. As freiras a levaram a acreditar que ela havia negado a Cristo e que Ele estava muito triste com ela.

Adolescência Fútil

Quando completou quatorze anos Jeanne se apaixonou por um jovem, parente próximo. Suas orações foram negligenciadas e o amor pelo mundo tomou o lugar do seu amor por Cristo. A aparência da religião era mantida, mas Jeanne tornou-se fútil e vazia. Era admirada por todos, mas seu coração não era do Senhor.

Aos quinze anos sua família mudou-se para Paris e então sua espiritualidade sofreu maiores danos. Sendo uma cidade dominada por todos os tipos de prazeres (principalmente durante o reinado de Luiz XIV) sua vaidade nessa ocasião tornou-se

insuportável. Sua beleza, seus dotes intelectuais e sua conversação brilhante fizeram dela uma atração na sociedade.

Então um homem muito rico, Jaques Guyon, a pediu em casamento e seu pai aceitou. Ela tinha apenas dezesseis anos e seu marido trinta e oito. Logo que chegou ao lugar onde iria morar, descobriu que ali seria uma “casa de luto”. Sua sogra era uma mulher rude e sem educação e a governava com mão de ferro. Suas esperanças terrenas foram destruídas; ela ainda não podia ver que Deus tinha planos para sua vida. Mais tarde ela disse: “A força do meu orgulho natural era tão grande, que somente um período de sofrimento podia quebrar o meu espírito e me fazer voltar para Deus”. Depois acrescentou: “Tu ordenaste tudo isso, ó meu Deus, para a minha salvação! Com bondade me afligiste. Os resultados me trouxeram luz; então eu vi que esses tratos da Tua providência foram necessários para que eu pudesse morrer para a minha natureza fútil e altiva”.

Provas Severas

Grandes provações surgiram em seu caminho: o marido perdeu grande parte da sua enorme fortuna logo depois do nascimento de seu filho, e isso tornou a sogra avarenta ainda mais amargurada. No segundo ano de casamento Jeanne caiu doente e chegou às portas da morte, mas isso a levou a pensar mais nas coisas espirituais. Sua querida meia-irmã faleceu e logo depois sua mãe. Com amargura aprendeu que só podia encontrar descanso em Deus e por isso, O buscou com sinceridade, O encontrou e nunca mais O abandonou. Quando completou vinte anos teve certeza de ter se tornado uma filha de Deus pela graça por meio da fé, através do testemunho do Espírito de Deus.

A Variola e a Beleza Física

Aos vinte e dois anos ela contraiu o tipo de variola mais virulenta e sua beleza física foi arruinada. Nessa ocasião ela declarou: “A devastação exterior foi

contrabalançada pela paz interior”. Quando se sentiu em condições de sentar-se na cama, ela pediu um espelho e satisfez sua curiosidade de ver seu rosto e então disse: “Eu não era mais o que tinha sido (isto é, bela). Vi então, que meu Pai celestial não havia sido infiel em Sua obra (de quebrar meu orgulho pela beleza), mas ordenou o sacrifício com toda realidade”.

Perda de Entes Queridos

O ídolo seguinte dentre os que mais amava, foi seu filho mais novo ao qual era muito apegada. “Este golpe feriu-me o coração, mas o ofereci a Deus dizendo: O Senhor o deu e o Senhor o tirou; bendito seja o nome do Senhor”. Em 1672 seu amado pai morreu e depois a filhinha de três anos. Sua conselheira e grande amiga, Genevieve Grainger, também veio a falecer. Nesse tempo ela ficou sem qualquer apoio carnal para se apegar nas provações e dificuldades espirituais. O marido havia voltado para ela, mas partiu

em 1676. À semelhança de Jó, ela perdeu tudo aquilo que mais amava.

O Senhor permitira estas coisas para quebrar sua vontade e o orgulho do seu coração. Em tudo isso ela viu a mão do Senhor e disse: “Ó admirável conduta do meu Deus! Não pode haver guia, nem apoio para aquele que Tu levas para as regiões das trevas e da morte. Não pode haver monitor, nem sustentáculo para o homem a quem determinaste quebrar, visando uma destruição completa da vida natural: carne e o egoísmo”.

A Noite Negra da Alma

Mas foi no ano de 1674 que Madame Guyon passou por uma das suas maiores e mais longas provas, e que ela chamou de “estado de privação ou desolação”. Foram sete anos sem alegria espiritual e o instrumento de Deus para libertá-la foi um eminente superior da ordem dos Barnabitas, chamado La Combe. Foi ele quem a levou à salvação pela fé. Sua vida

passou então a ser caracterizada por simplicidade e poder. O próprio La Combe foi incendiado por sua mensagem; Fenelon provou experiência mais completa através das orações de Madame Guyon e ajudou a espalhar seus ensinamentos pela França. Os mundanismos dos sacerdotes foram condenados por essa mensagem e então decidiram perseguir Madame Guyon, La Combe e Fenelon e a todos quantos seguiam a doutrina do “amor puro” ou “morte completa para a vida do Eu”. Na prisão, La Combe foi tão cruelmente torturado que sua mente ficou afetada.

O Passarinho Aprisionado

O tempo da prova longa e silenciosa para Madame Guyon havia chegado. O Rei Luiz XIV ordenou sua prisão no Convento de Santa Maria onde passou oito meses; mas seus amigos conseguiram libertá-la. O sofrimento era uma lição que ela havia aprendido e sua busca pelo Senhor não podia ser interrompida. Seus inimigos tentaram envenená-la na prisão e os

efeitos do veneno perduraram por sete anos. Suas obras eram vendidas em toda a França e em outras partes da Europa.

Em 1695, aos quarenta e sete anos de idade, foi presa novamente por ordem do rei, mas desta vez foi para o Castelo de Vincennes. No ano seguinte foi para uma prisão em Vaugiard. Em 1698 Madame Guyon foi levada para uma masmorra na Bastilha, a histórica e odiada prisão de Paris. Ali permaneceu por mais quatro anos, mas “sua cela parecia um palácio”. Em 1702 foi banida para Blois onde passou o resto de sua vida a serviço do Senhor. Em 1717, aos 69 anos, dormiu no Senhor, em perfeita paz e sem nenhuma dúvida quanto à plenitude de suas esperanças e alegria. Ela escreveu cerca de sessenta volumes e muitos dos seus mais belos hinos foram escritos durante os anos na prisão. (Selecionado do livro: Deeper Experiências of Famous Christians, de James G. Lawson).

Jeanne Marie Bouvieres de La Mothe, mais conhecida como Madame Guyon, é um maravilhoso exemplo da maneira como o Senhor purifica Seu vinho mais excelente. Ela foi derramada na Prova do Sofrimento Longo e Silencioso, mas se aquietou. A Borra da Impaciência e da Murmuração ficou para trás e sua vida foi libertada do cheiro desagradável do Ego. O hino abaixo nos permite ver quão completa foi sua aceitação da vontade de Deus, mesmo em face das mais duras provas:

Sou Um Passarinho

*Sou um passarinho, sem campos sem ar,
Na minha gaiola, sento-me a cantar,
Para Quem aqui me aprisionou.
Bem satisfeito prisioneiro sou,
E assim meu Deus quero Te agradecer.*

*Aqui nada tendo para realizar,
Todo o longo dia só posso cantar;
As minhas asas Ele amarrou,
Mas o meu canto muito O agradou
Inda Se curva pra me escutar.*

*Tu tens paciência para me escutar
E um coração pronto para a mim amar;
Gostas de ouvir meu rudo louvor
Pois sabes que o amor, quão doce amor,
Inspira todo esse meu cantar.*

*Preso na gaiola não posso sair,
Mas minha prisão não pode me impedir
A libertação do coração,
Que sempre voa em Tua direção
Minh'alma livre a Ti vai se unir.*

*Oh! Que gozo imenso poder me elevar
Para nas alturas a Ti contemplar;
Tua vontade e desígnio amar
Minha alegria neles encontrar,
Livre, em Teus braços me aconchegar.*

(Forma poética: Maria Luiza Araújo)

A Prova de Jó: Perda de Tudo o Que Possuía

O livro de Jó começa com as palavras: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó. Era homem íntegro e reto,

que temia a Deus e se desviava do mal” (1.1). Ele tinha uma vida tão elevada que o Senhor Deus declarou a Satanás que não havia “ninguém semelhante a ele na terra” (1.8). Depois disso começou a prova de Jó: ele perdeu os filhos, os bens e os servos (1.13-19). Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça, lançou-se em terra e adorou dizendo: “O Senhor deu, e o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor” (1.21). Satanás não satisfeito com a prova de fidelidade do homem de Deus fez novo desafio: a saúde de Jó. O Senhor entregou Seu servo nas mãos do diabo e este o feriu com profundas chagas em todo o corpo: lepra! A mulher de Jó, vendo seu sofrimento, o aconselha a amaldiçoar a Deus e morrer (2.8,9). Jó rejeita tal conselho e passa pelo teste sem pecar com seus lábios (2.10).

Depois disso surgem os três amigos de Jó: Elifaz, Bildade e Zofar (2.11). Agora o Ego do servo de Deus vai ser provado. No início os três amigos se compadecem de Jó, mas depois o acusam de pecado,

usando como base o tradicionalismo, o dogmatismo e o misticismo. Esse era o aspecto externo da prova de Jó. Mas, interiormente Jó travava uma luta ainda mais violenta: com o seu próprio Ego. Espiritualmente esse é o significado dos três amigos de Jó: mente, emoção e vontade. Quando colocados na Vasilha da Prova Longa e Silenciosa, exteriormente enfrentamos os argumentos naturais dos irmãos baseados na tradição, no dogmatismo e no misticismo. Mas interiormente enfrentamos uma batalha muito mais violenta com a mente, a emoção e a vontade.

Jó não conseguia entender o que estava acontecendo com ele, pois tinha consciência da sua fidelidade diante de Deus. Mas havia algo que precisava ser realizado em sua vida: ele era reto, temente a Deus, se afastava do mal, tratava seus servos com justiça e não se esquecia dos órfãos e das viúvas. Durante as longas discussões com seus três amigos

Jó manifestou o seu problema: ele se orgulhava da sua justiça.

Chega o momento em que ele se cala (31.40) e um quarto amigo, Eliú, surge e prepara o caminho para o Senhor aparecer e falar com Jó. Quando isso acontece, o Senhor não responde nem mesmo uma das questões apresentadas por Seu servo, mas apresenta-lhe por volta de cinquenta perguntas para que ele responda. O Senhor estava lhe revelando Sua grandeza e então seus olhos espirituais foram abertos: “Com os ouvidos eu ouvira falar de Ti; mas agora os meus olhos Te vêem. Pelo que me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (42.5,6). O vinho se aquietou e no fundo da vasilha a borra se sedimentou e Jó foi livrado do seu cheiro.

A prova do servo de Deus foi escura longa e silenciosa. O Senhor o tratou severamente e alcançou o que desejava: a imagem do Senhor Jesus foi formada nele. Jó foi transformado; o amor de Deus inundou seu ser. No momento em que

orava pelos amigos que o acusaram todo o tempo, Deus mudou o seu cativo e sua lepra se foi (42.10). Para provar que o Senhor não tem interesse em tirar nada que seja importante para nós, Jó recebeu em dobro tudo o que antes possuía (42.10). Quando esta lição é aprendida a Borra da Impaciência e da Argumentação vai para o fundo da vasilha. Tiago termina sua epístola mencionando a experiência de Jó: “Ouvistes da perseverança de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu, porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão” (5.11).

Como dissemos no início, esta vasilha é feita de barro não permitindo a entrada do mínimo de luz ou som exterior. Os que estão dentro dela podem ouvir as vozes de alegria do lado de fora, mas eles permanecem nas trevas e no silêncio. Mas uma vez que o vinho se aquieta permitindo que a borra vá para o fundo, a luz, a música e a alegria retornam. A fé foi provada pelo fogo, a borra do Ego ficou para trás e a imagem do Senhor Jesus

apareceu um pouco mais. Na linguagem de João Batista “convém que Ele cresça e Eu diminua”, aprendemos que todo espaço criado pela negação do Ego é preenchido pela vida do Senhor Jesus. Assim o vinho é livrado da Borra da Impaciência e da Murmuração.

NOSSA REAÇÃO NAS PROVAS

No livro “Tiago - Provação, Maturidade e Reino” eu mostro como reagimos nas provações. A orientação do Senhor é: “todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para irar” (Tg.1.19). Infelizmente nossa resposta é sempre o contrário disso. Podemos declarar que aceitamos aquilo que o Senhor programou, mas isso não é bastante. A provação deve produzir em nós um “espírito contrito e quebrantado”. Palavras de submissão com os dentes trincados é insubmissão.

Podemos também aceitar a prova, mas com um espírito endurecido. Parece que estamos realmente carregando a Cruz,

mas não manifestamos um espírito quebrantado. Entregar a vontade rangendo os dentes e murmurando de nada vale. O quebrantamento no momento é doloroso, mas depois produz paz e liberdade no espírito. O Senhor deseja habitar “com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes e para vivificar o coração dos contritos” (Is.57.15). Essa promessa do Senhor alivia qualquer espécie de dor. O Arrebatamento logo virá e os espíritos endurecidos não poderão ser trasladados. Um espírito endurecido é um espírito amarrado.

Somos o Vinho do Senhor, comprados com Seu próprio sangue e Ele vai nos purificar até a última gota. O dia chegará quando encheremos a última vasilha e a Borra da Vida Egocêntrica desaparecerá e manifestaremos plenamente Sua imagem e o Seu bom perfume. “Apareça em Teus servos, Senhor, a Tua obra” (Sl. 90.16). “Vivo, não mais Eu, mas Cristo vive em mim” (Gl. 2.20). Aleluia! Maranata!

NADA DO EU, TUDO DE TI!

Ái! Que tempo vergonhoso
Quando altivo resisti
Ao meu Salvador bondoso
Respondendo desdenhoso:
Quero o Eu, não quero a Ti!

Mas o Seu amor vencia
Quando sobre a Cruz O vi
E Jesus por mim pedia
Já meu coração dizia:
Quero o Eu e quero a Ti!

Com ternura me amparava
Graça e força recebi
Mais e mais eu exultava
Mais humilde segredava:
Menos do Eu e mais de Ti!

Por Seu grande amor vencido
Tudo ao meu Senhor cedi
Ao meu Salvador unido
Esse agora é o meu pedido:
Nada do Eu, só quero a Ti!

Theodore Monod – 1836 - 1921